

A MULHER OLÍMPICA: TRADIÇÃO VERSUS INOVAÇÃO NA BUSCA PELA INCLUSÃO

Ana Miragaya, M.S.
Grupo de Estudos Olímpicos, UGF

Fórum Olímpico, 2002

Os Jogos Olímpicos da era moderna começaram oficialmente em 6 de abril de 1896, em Atenas, na Grécia, com a participação de 245 atletas masculinos de 14 países do mundo ocidental. O idealizador do renascimento das Olimpíadas, o Barão Pierre de Coubertin (1863-1937), homem típico de sua época, optou por seguir a tradição dos Jogos Olímpicos da Antiguidade mantendo a mulher fora das quadras, campos e arenas esportivas e ao mesmo tempo reverenciando a figura do herói da antiguidade, portador de um físico extraordinário e virtudes morais inigualáveis. As primeiras Olimpíadas modernas não tiveram a participação de mulheres atletas, excluindo, portanto, 51% da humanidade. Entretanto, é possível observar um aumento gradual no número de mulheres atletas de 1900 a 2000 (de 1,9% em 1900 para 38,3% em 2000 no número total de atletas)¹ e um número muito pequeno de mulheres assumindo posições administrativas e de gerência nos comitês olímpicos a partir de 1981.

O objetivo deste trabalho é re-visitar e discutir a evolução da participação das mulheres nos Jogos Olímpicos da era moderna: de sua passividade ditada por crenças e valores tradicionais e total exclusão (0,0% de participação) em 1896, até sua inclusão parcial (38,3% de participação) pressionada pela inovação e pelas mudanças nos papéis de gênero ocorridas no século 20. Várias contribuições empíricas ilustrarão este tema, que é aqui primordialmente visto como uma interação de oposições.

A inclusão das mulheres nas Olimpíadas veio a ser feita gradualmente por elas próprias como resultado do seu desenvolvimento e da conscientização de um papel ativo que elas já começavam a exercer na nova sociedade industrializada da segunda metade do século 19 e no decorrer do século 20. As mulheres começaram a conquistar novas posições em seus países, tornando-se mais ativas, e especialmente lutando para se tornarem cidadãs com direito ao voto. Se as mulheres estavam cada vez mais querendo ocupar um lugar na ordem social, não era muito diferente no mundo do esporte. Pouco a pouco as mulheres começaram a invadir uma área que nunca lhes havia pertencido e que lhes era bastante atraente. A prática do esporte e da atividade física lhes dava prazer. Elas estavam começando a sair de uma situação passiva para uma posição ativa. O esporte sempre foi um construto masculino do qual muito raramente as mulheres fizeram parte. Crenças tradicionais sempre prescreveram que o cansaço físico e a competição eram contrários à natureza da mulher. Além disso, acreditava-se que o lugar da mulher

era dentro de casa, tomando conta da casa e dos filhos e que o lugar do homem era fora de casa, trabalhando para o sustento da família ².

A história de inclusão das mulheres no esporte é identificada por algumas pesquisadoras ^{3, 4, 5} como uma história de poder e dominação masculina sobre as mulheres e também como uma história de desigualdades onde as mulheres sempre tinham papéis de submissão, sem poder procurar respeito e igualdade. Outros pesquisadores qualificaram essa mesma história como produto do colonialismo Europeu e Norte-Americano, que espelha seus próprios jogos sem considerar aqueles que representam os povos nativos do resto do mundo ⁶. É uma história baseada na tradição, onde mudanças e inovação tinham papel menor. Entretanto, com os avanços da sociedade em face da nova tecnologia e informação, as mulheres começaram a se dar conta de que a história delas teria que ser re-contada de uma outra perspectiva: aquela da inovação, da participação, da atividade e da inclusão. A situação das mulheres nos Jogos Olímpicos evoluiu então de uma total exclusão no início da nova edição dos Jogos Olímpicos para alguma inclusão ao longo dos anos. O avanço e a conscientização das mulheres em relação ao seu novo posicionamento pressionou a sociedade a chegar ao ponto onde o próximo passo não era se as mulheres poderiam participar dos Jogos, mas como elas participariam: em quais esportes ou modalidades esportivas e em quais posições, inclusive de gerência em instituições olímpicas nacionais e internacionais as mulheres poderiam participar. A 'permissão' e a extensão desta participação ainda estão sendo prescritas pelos membros do Comitê Olímpico Internacional (COI) cuja maioria é de homens.

A Tradição dos Jogos Olímpicos da Antiguidade

Nos tempos da Grécia Antiga, raiz de toda tradição ocidental, os atenienses acreditavam que as mulheres deveriam andar cobertas dos pés á cabeça para não serem vistas; logo, elas não podiam participar de competições esportivas porque elas teriam que se expor. Além disso, acreditava-se que o corpo feminino era condicionado para a maternidade. Na mesma época, os Jogos da Deusa Hera, cujos primeiros registros datam de 200 a.C. eram jogos que incluíam mulheres atletas jovens e solteiras em competições a cada quatro anos⁷. As mulheres que competiam nos Jogos de Hera não tinham o status de heroínas porque elas não preenchiam os requisitos dos heróis olímpicos pelo tamanho corporal, força física, habilidades e técnicas. Suas competições eram mais simples e não exigiam o mesmo preparo físico masculino.

O primeiro registro dos Jogos Olímpicos da Antiguidade data de 776 a.C. Os Jogos Olímpicos eram na verdade festivais religiosos nos quais acreditava-se que esportes de competição entretinham os espíritos dos mortos. Portanto, um período de paz deveria acontecer durante os Jogos. As tribos e as cidades, constantemente em guerra, recebiam

muito bem o período de trégua a cada quatro anos para a disputa dos Jogos Olímpicos. Era um recesso bem vindo para todos, especialmente porque se pensava que era do agrado dos deuses. Embora somente homens pudessem competir nas Olimpíadas, que eram em honra a Zeus, algumas mulheres tinham permissão para assistir. Essas mulheres eram jovens e solteiras à procura de um marido. Elas deveriam observar os corpos fortes e falar com seus irmãos ou pai sobre aquele atleta que queriam para marido. Entretanto, mulheres casadas eram proibidas de assistir às Olimpíadas sob pena de morte. A única mulher casada que tinha permissão de assistir aos Jogos era a Pitonisa de Demeter ⁸.

As mulheres chegaram a ser prêmios para os vencedores das corridas de biga, mas obtiveram permissão para participar indiretamente como competidoras extra-oficiais nos Jogos Olímpicos alguns séculos mais tarde, na condição de proprietárias de cavalos. Por exemplo, a princesa espartana Kyniska dirigiu seu cavalo numa corrida de biga em 392 a.C. e ganhou. É interessante observar que as primeiras mulheres atletas vieram de Esparta, particularmente porque os espartanos acreditavam que as mulheres que eram saudáveis tinham condicionamento físico e se exercitavam regularmente teriam filhos saudáveis. Inicialmente esta filosofia pode parecer bastante diferente da filosofia ateniense, que preconizava a domesticidade e a reclusão feminina ⁸. Na verdade, os espartanos estavam colocando a atividade física a serviço da função feminina da procriação. As mulheres não tinham papel de heroínas na condição de serem ativas e atletas. A participação das mulheres não era considerada importante especialmente porque os antigos gregos eram altamente competitivos e acreditavam muito no conceito de 'agon', ou seja, competição para a excelência. Essa competição, no entanto, só acontecia entre os homens, que eram os únicos que poderiam se extenuar fisicamente.

O objetivo mais importante dos gregos era sempre ser o melhor em termos de condutas, atitudes, comemorações e festividades. Todos os aspectos da vida, especialmente o esporte, estavam centrados nessa crença cultural. Eles davam valor à força, competitividade, agilidade, velocidade e outras qualidades físicas que acreditavam ser inerentes somente ao sexo masculino. Como os campeões olímpicos eram considerados vitoriosos e heróis, eles tinham direitos a grandes honras e privilégios tais como (i) receber uma coroa feita de folhas de oliveira (o 'cotinus'); (ii) ter estátuas em sua honra colocadas em Olímpia; (iii) ter todas as refeições custeadas pelo poder público; (iv) ter lugares cativos nas primeiras filas dos teatros além de (v) ocupar altos postos no governo. Além disso, seus compatriotas derrubavam parte dos muros das cidades natais para que eles pudessem entrar por ali quando retornassem das Olimpíadas porque se acreditava que eles trariam favores dos deuses. A cultura do vitorioso transformou-se na cultura do herói, que vem sendo carregada através da tradição ao longo de séculos até a sociedade de hoje ^{7,8}.

Às mulheres também era dado valor, mas pela qualidade dos filhos que elas produziam; portanto, elas não podiam competir ou participar em atividades físicas similares porque se pensava que a mulher era muito delicada e frágil, tendo que se restringir à vida doméstica e levar um estilo de vida passivo. Essa crença, cultivada através dos séculos e ainda existindo quando os Jogos Olímpicos foram re-criados por Coubertin, foi aos poucos se modificando à medida que a ciência se desenvolveu para provar que as mulheres podiam fazer o mesmo que os homens e ainda ter filhos.

Os Jogos Olímpicos da Antiguidade duraram 12 séculos e foram abolidos em 394 pelo imperador romano cristão Teodósio II por causa do mau relacionamento entre gregos e romanos, da brutalidade e corrupção que reinava durante os Jogos, mas também por que ele acreditava que os festivais eram pagãos. Alguns anos mais tarde, o estádio de Olímpia, onde aconteciam as competições, foi arrasado e os campos olímpicos destruídos⁸.

O Renascimento dos Jogos: Tradição Mantida

Durante séculos os lugares onde aconteciam as competições continuaram vazios e sujeitos a enchentes, terremotos e pilhagem. As celebrações com atletismo desapareceram por quase mil anos até que alguns aficionados pelos Jogos Olímpicos da Antiguidade consideraram renascê-los por volta de 1793, mas não foram bem sucedidos: não havia fundos nem coordenação internacional suficiente para patrociná-los. Então, em 1881, Ernst Curtius, um arqueólogo alemão, que dirigia um grupo de pesquisa, descobriu as ruínas do estádio de Olímpia.

A descoberta alemã do sítio arqueológico evocou no barão Pierre de Coubertin um interesse especial nos festivais olímpicos do passado, principalmente devido ao nacionalismo e à educação francesa que havia recebido. Sua vaga proposta para um festival esportivo internacional foi inicialmente recebida com olhares estupefatos. Ele não desistiu. Como secretário geral da Union of French Societies of Athletic Sports (União das Sociedades Francesas de Esportes Atlético), ele visitou faculdades, universidades e clubes esportivos particulares, falando para quem quisesse ouvi-lo. Então, em 1894, falando na Sorbone em Paris num encontro com representantes de nove países, incluindo os Estados Unidos e a Rússia, ele argumentou e propôs o renascimento dos Jogos Olímpicos da Atualidade numa escala internacional. Com a aprovação dos ouvintes, ele fundou o Comitê Olímpico Internacional (COI) para organizar os Jogos Olímpicos e elaborar as regras para os eventos⁹.

Seguindo a tradição, o COI declarou que todos os atletas que iriam competir só poderiam ser amadores e não profissionais. O COI decidiu também que os primeiros Jogos aconteceriam em Atenas, onde se deu a origem dos festivais do passado. O financiamento dos primeiros Jogos veio através de doações particulares e públicas além

da venda de selos olímpicos diferentes. Entretanto, com o mesmo entusiasmo com que saudou a descoberta arqueológica alemã na Grécia e com a mesma energia com que propôs o renascimento dos Jogos Olímpicos, Pierre de Coubertin manteve completamente sua coerência com a antiga tradição grega da exclusão das mulheres atletas dos Jogos. Ele era completamente contra a prática de esportes e atividade física pelas mulheres assim como a maioria dos homens de sua época. De acordo com ele, as mulheres tinham a função de procriação: "a glória de uma mulher viria através do número e da qualidade dos filhos que produzisse. Até onde concerne o esporte o papel da mulher é de encorajar seus filhos para vencer. A ela não cabe bater recordes". Os Jogos eram "a manifestação periódica solene de esporte masculino baseado no internacionalismo, na lealdade como meio, na arte como conhecimento básico e no aplauso das mulheres como recompensa"³. Como Lunzenfichter¹⁰ relata, Coubertin ainda afirmou que uma "Olimpíada feminina seria impraticável, desinteressante, antiestética e incorreta", logo após obter o apoio do papa Pio XI, que havia seriamente condenando a prática de esporte pelas mulheres.

Pelo fato de ter excluído as mulheres e de ter mantido os mesmos valores tradicionais de outro povo de uma época distante no passado, é possível que Coubertin tenha também resgatado com isso o espírito do herói olímpico, que tem inspirado atletas do mundo todo por décadas. Não houve o regate da figura da heroína por que na realidade ela nunca existiu. Nem Coubertin quis desenvolver um modelo para a mulher heroína. O único modelo reconstruído foi o de herói.

A Resposta das Mulheres: a Mulher Olímpica nos Primeiros Jogos Olímpicos

Apesar dos esforços que Coubertin fez para manter as mulheres fora das competições, houve uma competidora extra-oficial na maratona de 1896, uma mulher grega pobre que acabou sendo conhecida como 'Melpomene', cujo nome verdadeiro era Stamati Revithi. Ela não teve permissão para competir, porém fez o mesmo trajeto de 42 km no dia seguinte, sendo que a última volta aconteceu fora do estádio porque a entrada lhe foi proibida. Como os organizadores do evento não lembravam o nome dela, apelidaram-na de 'Melpomene', a musa grega da tragédia. Olhando para Stamata Revithi, eles só viram drama e não o seu feito extraordinário¹¹. Ela havia terminado sua corrida menos de duas horas atrás do vencedor (em 4 horas e meia) e foi mais rápida de que alguns de seus adversários masculinos³. Ela foi a primeira inovadora a enfrentar as barreiras da tradição.

Os primeiros Jogos Olímpicos da Atualidade aconteceram no final do século 19, quando o mundo ocidental vivia o início da época do avanço da ciência e da tecnologia que mudariam a cara do século 20. A industrialização e a reforma social foram essenciais para determinar a direção que os países mais ricos do mundo, como os Estados Unidos e nações européias, iriam tomar dali para frente. Aos poucos as novas invenções foram

sendo incorporadas às indústrias que começavam a florescer. Mais trabalhadores estavam sendo necessários para empurrar à frente as várias economias mundiais que despontavam. As mulheres já tinham começado a trabalhar fora de casa e estavam começando a ingressar no mercado de trabalho em maior número por causa da demanda, assumindo, portanto, novos papéis dentro da sociedade. À medida que elas começavam a participar mais na economia de seus países, elas queriam ser ouvidas como cidadãs e ter direito ao voto. Muitas organizações de mulheres foram fundadas para lutar por sua cidadania. Pouco a pouco as mulheres foram saindo da passividade e submissão para a atividade e iniciativa. Mudanças na área do esporte feminino também começaram a ocorrer no final do século 19 e início do século 20.

Embora o COI regulasse as atividades olímpicas, Comitês Olímpicos Nacionais (CONs) tiveram que ser criados nos países que queriam participar dos Jogos. No início, os comitês nacionais locais organizaram os Jogos Olímpicos em suas respectivas cidades. Os Jogos de 1900 e de 1904 aconteceram junto com as Feiras Mundiais; portanto, a escolha das modalidades esportivas a serem incluídas nos Jogos Olímpicos estava nas mãos dos comitês organizadores das feiras e, logo, fora do controle do COI ¹². Na realidade, as Olimpíadas demoraram um pouco para se popularizar. Os Jogos de 1900 em Paris, de 1904, em Saint Louis, e de 1908, em Londres tiveram pouco público e foram muito mal organizados, o que fez com que as mulheres pudessem se incluir sem muitas dificuldades. Entretanto, elas não eram reconhecidas como atletas já que a participação feminina nos Jogos não tinha o consentimento do COI. As mulheres atletas que ganhavam as competições recebiam diplomas em vez de medalhas e ramos de oliveira ⁵, prêmios que iam somente para os heróis homens. O papel da heroína Olímpica ainda estava para ser construído.

O golfe e o tênis, ambos esportes de elite, eram categorias abertas às mulheres nos Jogos Olímpicos de Paris em 1900: 12 mulheres de cinco países participaram nesses dois esportes, num total de três modalidades esportivas. Os Jogos Olímpicos de 1904 em Saint Louis, nos Estados Unidos, tiveram a participação de somente seis mulheres atletas em competições de arco e flecha porque as concorrentes internacionais de outras modalidades esportivas não obtiveram o patrocínio necessário para a viagem internacional. A ginástica feminina foi incluída nas Olimpíadas de 1904 somente como demonstração por não ser considerada evento oficial.

Os Jogos Olímpicos de 1908 em Londres teve 36 mulheres atletas competindo em quatro esportes: tênis, vela, patinação no gelo e arco e flecha, todos esportes de alto prestígio social. A participação das mulheres estava começando a crescer. Embora as Olimpíadas de 1912 em Estocolmo tivesse a participação de 55 mulheres atletas (2,2% de todos os competidores) de 11 países, competindo em seis modalidades esportivas, inclusive natação, os esportes femininos permaneceram um fenômeno marginal e ainda

não oficializado pelo COI. De acordo com Pfister ¹², foram as suecas feministas que introduziram as competições de natação nas Olimpíadas. A natação representava a primeira batalha de mulheres atletas olímpicas por metros e segundos. A natação era um esporte bastante popular naquela época e contribuiu consideravelmente para uma maior participação de atletas femininas nos Jogos.

É importante mencionar que o patrocínio sempre foi um fator decisivo para a participação da mulher atleta nos Jogos Olímpicos. Nem todas as mulheres têm a credibilidade e o apoio dos comitês locais e de patrocinadores, logo, fica muito difícil para muitas atletas conseguirem viajar para os locais de competição. A maioria delas não trabalha fora e quando o fazem, a renda tende a ser bem mais baixa do a masculina. Os atletas por sua vez têm mais credibilidade devido à tradição, portanto, conseguem mais oportunidades. Além disso, a renda masculina tende a ser maior do que a feminina, o que lhes permite fazer investimentos em viagens.

Apesar das dificuldades encontradas, o número de mulheres atletas foi crescendo aos poucos, como pode ser observado no Quadro 1.

Quadro 1: Participação de mulheres atletas nos Jogos Olímpicos da Atualidade ³									
Ano	Esportes	Modalidades	Países	Participantes	Ano	Esportes	Modalidades	Países	Participantes
1896	-	-	-	-	1956	6	26	39	384
1900	2	3	5	12	1960	6	29	45	610
1904	1	2	1	6	1964	7	33	53	683
1908	2	3	4	36	1968	7	39	54	781
1912	2	6	11	57	1972	8	43	65	1058
1920	2	6	13	77	1976	11	49	66	1247
1924	3	11	20	136	1980	12	50	54	1125
1928	4	14	25	290	1984	14	62	94	1567
1932	3	14	18	127	1988	17	86	117	2186
1936	4	15	26	328	1992	19	98	136	2708
1948	5	19	33	385	1996	21	108	169	3626
1952	6	25	41	518	2000	25	300	199	4069

A Inclusão das Mulheres: Períodos Diferentes, Leituras Diferentes

a. De 1896 a 1928

Hargreaves ⁴ identificou três períodos de participação de mulheres atletas nos Jogos Olímpicos da Atualidade: (1º) de 1896 a 1928; (2º) de 1928 a 1952 e (3º) de 1952 até hoje.

O primeiro período é caracterizado pela tradição da exclusão e alguns esforços para resistir a essa prática. Foi também a época em que as mulheres estavam começando a trabalhar fora, tendo mais acesso à educação, lutando para ter direito ao voto e tentando se ajustar às mudanças constantes de uma nova sociedade que exigia novos papéis de gênero. Este período inclui os anos 20, quando, de acordo com Théberge ⁵, havia alguma luta pelo controle do esporte feminino internacional e pela forma e definição da participação das mulheres. Na medida em que o progresso empurrou os países industrializados para frente, também pressionou uma mudança no esporte feminino internacional. Já que o COI se recusava a incluir o atletismo feminino nos Jogos Olímpicos, a francesa Alice de Milliat desafiou a situação da época, fundou a Fédération Sportive Féminine Internationale (Federação Esportiva Feminina Internacional) e organizou os primeiros Jogos Olímpicos Femininos em 1922. Eles foram tão bem sucedidos que foram re-editados em 1926, 1930 e 1934 como The Women's World Games (Jogos Femininos Mundiais). Eles se tornaram visíveis ao COI especialmente por causa do enorme interesse do público. Os Jogos Femininos Mundiais com seu enorme público pressionaram o COI a incorporá-los permanentemente aos Jogos Olímpicos, porém somente depois de longas negociações e manobras políticas¹³. Os Jogos Femininos Mundiais também influenciaram os Jogos Femininos no Brasil em 1933 ¹⁴ e em 1949 ¹⁵.

As mulheres estavam começando a vencer suas batalhas para a inclusão, o que pode ser observado nas palavras de Coubertin quando ele deixou a presidência do COI em 1925: "Eu continuo contra a participação das mulheres nos Jogos Olímpicos. Elas foram incluídas em grandes números contra a minha vontade" ¹⁰.

Foi ainda durante o período 1896-1928 que apareceram dois pontos cruciais de debate sobre o envolvimento da mulher no esporte. Eles iriam influenciar por um bom tempo o papel da mulher no esporte e sua participação nos Jogos Olímpicos. O primeiro ponto, ainda baseado na tradição e relacionado à sabedoria médica pobre e limitada da época, com nenhuma evidência que pudesse provar, promoveu crenças baseadas na fragilidade natural da mulher e condenou a atividade física vigorosa como perigo para a saúde e o bem-estar da mulher. Conseqüentemente, ao longo das várias Olimpíadas, a participação de mulheres no atletismo e em esportes de equipe, que exigiam contato físico, era feita de forma restrita e supostamente baseada no caráter da fragilidade. A

mulher ainda era o ser que procriava, biologicamente diferente do homem, e sujeita a prescrições dos médicos, todos, claro, do sexo masculino. As mulheres foram então excluídas das modalidades de força do atletismo e somente aos poucos as equipes femininas de esportes coletivos foram introduzidas nos Jogos Olímpicos.

O segundo ponto de debate era sobre o controle do esporte feminino, assunto novo para a sociedade e para as mulheres. De acordo com a tradição, as posições ativas de comando deveriam pertencer aos homens e não às mulheres. Estas deveriam obedecer e ser passivas. Muitas disputas ocorreram sobre quem deveria controlar o esporte feminino nacional e internacional e qual deveria ser a forma e definição da participação da mulher. Para seguir a tradição mais uma vez, as mulheres continuaram fora do controle de sua própria participação no esporte nacional e internacional.

Sumarizando, é possível afirmar que os acontecimentos dos anos 20 e dos anos 30 tiveram dois significados essenciais de cunho cultural e social: (1) a definição e o significado do esporte feminino baseados nas diferenças biológicas e (2) o controle da organização dos esportes femininos como uma função tipicamente masculina.

b. De 1928 a 1952

Esses dois significados foram levados para a segunda fase. Hargreaves ⁴ identificou o período entre 1928 e 1952 como de luta e de consolidação. As mulheres se esforçaram muito para se tornarem visíveis e para consolidar sua posição como esportistas. Este era um conceito novo não somente para elas, mas também para a sociedade como um todo. As mulheres estavam numa situação complexa que exigia a criação de modelos de mulheres que praticavam esportes e que participavam de grandes competições como os Jogos Olímpicos. As mulheres até então só podiam se espelhar em modelos do sexo masculino: os heróis das Olimpíadas. Elas se viram então numa encruzilhada que apontava em duas direções: ou elas continuavam a seguir o modelo masculino tradicional, que já existia com sua temática própria, ou então elas teriam que inventar modelos novos de mulheres do esporte, baseados nelas próprias e em sua temática feminina. Naquela época a decisão ficou para a primeira alternativa, especialmente por causa do acesso limitado aos esportes olímpicos imposto pelo COI em 1928.

As mulheres deram um pequeno passo para frente e garantiram seu papel com participantes ativas no esporte e na sociedade. Esta posição de certa estabilidade foi reforçada durante os anos 40, quando as mulheres tiveram que ser mobilizadas em maior número para ocupar os postos deixados pelos homens que tiveram que ir para os campos de batalha na Europa. A Segunda Guerra Mundial impediu as edições dos Jogos Olímpicos dos anos 1940 e 1944. Por outro lado, a participação maciça direta e indireta e a conseqüente maior inclusão das mulheres na economia de seus países que estavam em

guerra contribuíram enormemente para o re-posicionamento da mulher na sociedade e para a conscientização do lugar que ocupavam.

Durante esta época, o modelo da mulher esportiva, baseado nas diferenças biológicas e que havia sido construído durante os anos 30, foi levado para os currículos escolares e acabou limitando a forma com que as mulheres olhavam sua própria capacidade atlética e esportiva. Entretanto, ao final deste período, a participação de mulheres atletas nas Olimpíadas transformou-se num fato corriqueiro. Os ganhos eram conservadores porque o modelo da mulher atleta que havia sido adotado espelhava o do herói masculino e reforçava o ideal feminino atlético, seu significado cultural e o mito da fragilidade feminina⁵. Daí então é possível observar a manutenção dos papéis tradicionais da mulher.

c. Depois de 1952

O ano de 1952 dá início a um período de desafios à hegemonia masculina no esporte olímpico, especialmente por causa de dois eventos⁴. Não se pode dizer que durante esta fase as relações de gênero seriam reconstruídas para compensar por desigualdades passadas, porém pôde se observar que as mulheres descobriram novos caminhos para lutar contra a exclusão, tradição, passividade e as tarefas impostas pela sociedade para então tentar alcançar seus objetivos de inclusão, inovação, atividade e o design de novos papéis num mundo que estava mudando rápido demais. Uma análise em perspectiva do passado recente e das mudanças detectadas nas Olimpíadas de 2000 pode ilustrar esses pontos.

(i) Dois acontecimentos

O primeiro acontecimento foi a entrada da União Soviética e dos outros países do bloco do leste como novos participantes na expansão dos Jogos que aconteceram em Helsinque, na Finlândia, no pós-guerra. Estes países não discriminavam as mulheres atletas porque tinham objetivos e tradições culturais diferentes, nas quais as mulheres já haviam sido incluídas há muito tempo atrás. Valorizava-se demais o desempenho dos atletas sem discriminação do gênero dos vitoriosos. Grandes investimentos materiais e sociais no treinamento desses atletas haviam sido feitos para que eles pudessem participar nos Jogos Olímpicos. Conseqüentemente, o número de atletas mulheres participantes aumentou de 385 em 1948 para 518 em 1952 (Tabela 1). As novas atletas se tornaram visíveis por seu desempenho de sucesso, expondo seu treinamento e sua educação específica nas escolas e faculdades¹⁶. O número de medalhas era o mais importante para os estreates nas Olimpíadas. A Tabela 1 mostra o número de medalhas que a antiga União Soviética ganhou de 1912 a 1960.

Mesmo quando os países que faziam parte da antiga União Soviética começaram a competir por si próprios nos Jogos Olímpicos, o número de medalhas ainda era mais

importante do que o gênero dos atletas que as recebiam, como pode ser visto na Tabela 2. Sempre que um atleta, masculino ou feminino, conquista uma medalha de ouro, o hino de seu país é ouvido e a bandeira hasteada, tornando aquele país visível para o mundo ⁶. Já era o período da Guerra Fria. O número de medalhas significava quantas vezes esses países eram homenageados com suas vitórias. Uma vez que os países do bloco soviético tinham descoberto uma nova forma de se tornarem visíveis e de fazer propaganda política, o mundo ocidental foi forçado a se preocupar com sua própria posição nas Olimpíadas e a prestar maior atenção na participação e no desempenho das mulheres. Começaram então a investir no treinamento e na preparação delas. As mulheres souberam aproveitar a oportunidade e se beneficiaram da situação, tornaram-se inovadoras e começaram a aumentar sua participação.

Tabela 1: Medalhas conquistadas pela URSS em Olimpíadas¹⁶

Ano	Local	Medalhas				Classificação
		Ouro	Prata	Bronze	TOTAL	
1912	Estocolmo	0	2	3	5	16
1952	Helsinque	22	30	19	71	2
1956	Melbourne	37	29	32	98	1
1960	Roma	43	29	31	103	1

Obs. A URSS não participou dos Jogos Olímpicos de 1920, 1924, 1928, 1932, 1936 e 1948.

Tabela 2: Medalhas conquistadas nas Olimpíadas de Sidnei pelos países que formavam a URSS ¹⁶

País	Número de medalhas				Classificação
	Ouro	Prata	Bronze	TOTAL	
Países da URSS.	48	48	67	163	1
Estados Unidos.	39	25	33	97	2
Rússia	32	28	28	88	3

O segundo evento aconteceu nos anos 60. Foi o movimento feminista que ocorreu na América do Norte e na Europa como consequência do desenvolvimento científico e tecnológico, especialmente por causa da invenção da pílula anticoncepcional, que ajudou as mulheres a enfrentar os métodos tradicionais, controlar sua vida sexual, e planejar sua família. Os novos papéis que as mulheres assumiram durante e depois da Segunda Guerra Mundial adicionaram-se aos avanços da ciência e produziram um re-pensar da posição da mulher na sociedade: um desafio às idéias tradicionais sobre os papéis do gênero. Como resultado desse novo posicionamento, foi possível observar um aumento na participação das mulheres no esporte e, com ele, a preocupação com a posição de desigualdade da mulher na sociedade e no esporte.

(ii) Os Jogos de Sidnei

O número de atletas olímpicas tem aumentado com o passar das Olimpíadas. Pode até parecer que as mulheres já tenham atingido posições de igualdade em relação a sua representação em números. Nos Jogos de Sidnei o número de mulheres atletas (4.069) foi 38,3% do número total de atletas participantes (10.651) ¹. Se o objetivo é alcançar 52,0% como proposto por Lucas ¹⁷, há ainda um caminho longo a percorrer.

É também importante observar os diferentes tipos de modalidades esportivas que têm sido incorporadas a cada Olimpíada nos últimas edições. Essas modalidades mostram que ainda há uma certa ambigüidade sobre o significado do esporte feminino. De um lado, modalidades tais como corridas de fundo (maratona e os 10.000 metros), modalidades múltiplas que combinam corridas, saltos, e arremessos e esportes de equipe (voleibol, basquete, hóquei de campo) têm sido incorporados nos últimos anos, desafiando o mito da fragilidade feminina, porém, ainda seguindo o modelo tradicional do herói olímpico. Por outro lado, modalidades como nado sincronizado, ginástica rítmica e ginástica artística, que enfatizam qualidades e características femininas tradicionalmente desejáveis, mantendo o mito da fragilidade feminina, também foram incorporadas. Não há heróis olímpicos nessas modalidades já que elas reforçam as supostas qualidades tradicionais femininas. A consequência disso é que o público fica exposto a uma mensagem ambígua. Ao mesmo tempo em que os esportes e modalidades olímpicas enfatizam o desempenho da atleta olímpica como produto de habilidade marcante e valorosa, também confirmam a simbólica natureza especial dos esportes femininos por causa da ênfase na beleza, forma e aparência ⁵.

Esta tendência se reflete em muitos países. Em Taiwan, por exemplo, as mulheres atletas em seus papéis de modelos provam que a graça feminina, a inteligência, o foco, a força e a perseverança combinam-se perfeitamente para se atingir a força muscular, raciocínio e beleza. Na Hungria, quando as mulheres participam de competições esportivas e do "dia das mulheres esportistas", elas recebem conselhos de beleza, e podem experimentar novos cosméticos¹⁶. Na Coréia, há o dito popular, comum hoje em

dia a muitas culturas: os homens com seu físico poderoso e músculos bem desenvolvidos e as mulheres com seu corpo magro, bem feito e bonito ¹⁶.

Embora as mulheres tenham saído do estágio da exclusão, causada por fatores tradicionais, e da inclusão parcial, causada pela inovação, elas ainda não atingiram seus principais objetivos de igualdade. Elas ainda lutam para ser respeitadas e para terem o mesmo status por serem biologicamente diferentes. As mulheres ainda têm representação baixíssima e muito poucas oportunidades em relação ao seu potencial nos Jogos Olímpicos. Nas Olimpíadas de Sidnei, embora houvesse nove países que não se fizeram representar por mulheres atletas e 42 outros países que enviaram delegações das quais constava somente uma mulher, 13 delegações menores tinham mais mulheres do que homens atletas e 36 países mandaram o mesmo número de atletas masculinos e femininos (Tabela 3), mas nenhum país só mandou mulheres em sua delegação. Todas as 199 nações e os atletas do Timor Leste levaram atletas masculinos.

Tabela 3: Mulheres atletas nas Olimpíadas de Sidnei, 2000 ⁹

	Nenhuma mulher atleta	Mesmo número de atletas masculinos e femininos	Países com uma mulher atleta	Países com mais mulheres do que homens atletas
África	2	14	19	3
América	1	6	7	3
Ásia	6	10	7	4
Europa	0	3	3	1
Oceania	0	3	6	2
Total	9	36	42	13

Essa representação ainda baixa das mulheres observada nos Jogos de Sidnei (6.582 atletas masculinos e 4.069 atletas femininas) pode também ser observada no fato de que muitos países tendem a investir na preparação de atletas femininas somente nas modalidades em que vão competir durante os Jogos, deixando de lado possibilidades de novos esportes e novas modalidades⁶. Isto pode se refletir na sociedade e nos hábitos das populações desses países. À medida que as diferentes nações e culturas aumentam o número de esportes disponíveis para as mulheres, haverá mais mulheres engajadas numa grande variedade de modalidades esportivas e, conseqüentemente, mais esportes estarão disponíveis para mulheres em todo o mundo.

Mulheres em posições administrativas

As mulheres têm ainda uma pequeníssima representação na administração de assuntos olímpicos. As primeiras mulheres a fazer parte do COI tomaram posse em 1981. Atualmente o COI inclui cinco mulheres e 89 homens. Padrões similares ocorrem nos CONS^{11, 5}. Ainda devido a crenças tradicionais de que as mulheres não deveriam aparecer muito, deveriam ser passivas e submissas, e não deveriam compartilhar posições de poder com os homens, as mulheres muito raramente têm ocupado posições de liderança em seus locais de trabalho e na vida política de seus países. Como resultado, há a tendência a haver menos mulheres em posições administrativas, especialmente, quando estas posições estão ligadas ao poder.

É importante, entretanto, mencionar que alguns países têm procurado adotar políticas diferentes em relação à admissão de mulheres para posições de comando. Por exemplo, em 1998, o Comitê Olímpico Nacional (CON) de Taiwan foi re-organizado para ter um número maior de mulheres membras a fim de satisfazer o regulamento do COI para dezembro de 2000. Pelo menos dez por cento das posições que envolvem tomadas de decisão do CON têm sido reservadas para mulheres a fim de que elas também possam contribuir para a evolução do esporte e do movimento olímpico. Além disso, sempre que possível, o CON de Taiwan envia delegadas para tomar parte em conferências e seminários internacionais para o desenvolvimento dos esportes para mulheres, todos endossados pelo COI, com o objetivo de desenvolver o papel da mulher na área esportiva¹⁶.

De acordo com Schneider ¹⁸ e seguindo o paralelo que ela traçou entre as mulheres na 'República' de Platão e as mulheres nas Olimpíadas, as mulheres já ocuparam a posição de guerreiras ou atletas e agora estão tentando se tornar guardiãs ou governantes. Como Schneider ¹⁸ explica, mesmo estando consciente das diferenças biológicas entre homens e mulheres, Platão propôs que tanto homens quanto mulheres podem e devem seguir a mesma variedade de ocupações e desempenhar as mesmas funções. "O que se requer tanto de homens quanto de mulheres é uma educação que fomente o trabalho e o esforço para se atingir a excelência. Se as mulheres vão exercer a função de guardiãs, elas devem ser educadas para serem guardiãs – da mesma forma que os homens. Este é o ambiente que não temos. Enquanto as mulheres têm freqüentemente a aptidão natural para a excelência nos esportes e na política (mundo masculino), o acesso lhes é negado em termos de educação e dos modelos que elas precisam para ver seus sonhos se transformarem em realidade. Está claro que para Platão, não ter mulheres guardiãs ou administradoras e não ter mulheres guerreiras ou atletas é prejudicial a todos nós como seres humanos e, conseqüentemente, vergonhoso para a sociedade" ¹⁸.

Com a tecnologia que vem sendo desenvolvida nessas últimas décadas, as pessoas tendem a ter mais acesso à informação através da disponibilidade dos meios de comunicação de massa. Como os atletas tendem a ser mais visíveis do que os administradores, pode ser difícil para as sociedades, especialmente para as mulheres em muitos países, se darem conta de que é possível para a mulher também assumir posições de comando no esporte. Este é mais um argumento para reforçar a teoria de educação de Platão, que enfatiza a educação como elemento prioritário para que a sociedade aproveite melhor homens e mulheres, dando-lhes condições de desempenhar as mesmas funções. Conseqüentemente, novos papéis de modelos para as mulheres deverão ser construídos, adaptados à realidade do século 21, capacitando-as a chegar à encruzilhada com o poder para escolher o caminho que não foi ainda trilhado.

Mulheres no Esporte para Todos

A baixa proporção de mulheres que participam nos Jogos Olímpicos pode ser explicada também pelo baixo número de mulheres que praticam algum esporte e o tipo de esporte que praticam nos cinco continentes¹⁶. A abordagem seguinte oferece uma contribuição empírica para o debate a partir de uma pesquisa comparativa internacional desenvolvida por Lamartine DaCosta e essa autora, envolvendo 36 países.

O livro 'Worldwide Experiences and Trends in Sport for All'¹⁶ ('Experiências e Tendências Mundiais no Esporte para Todos -SFA'), publicado recentemente, oferece dados relativos a países que privilegiam a mulher em atividades esportivas (Tabela 4) e oferece programas que incentivam a prática esportiva através dos Comitês Olímpicos Nacionais (Tabela 7).

Os dados da tabela 4 mostram claramente que dos 36 países que participaram do projeto de pesquisa, mais da metade (21=58%) oferece programas de atividades esportivas para mulheres, enquanto cinco nações não mencionam mulheres como parte do SFA e nove países não oferecem programas para mulheres (Tabela 4). Alguns países apresentaram dados específicos como, por exemplo, a Espanha (Tabela 6) e a Dinamarca (Tabela 7).

Tabela 4: Nº de países no SFA que privilegiam mulheres ¹⁶

Continentes e Nº total de países	Países com programas esportivos para mulheres	Países sem programas esportivos para mulheres	Países que não mencionam mulheres
Ásia (8)	6	1	1
África (2)	1	-	1
Europa (17)	12	2	2
América Latina (7)	-	2	5
América do Norte (2)	2	-	-
Total	21	5	9

Tabela 5: % de Participação por Gênero no Esporte na Espanha: 1968 – 1995 ¹⁶

Anos		1968	1974	1980	1985	1990	1995
Total	%	12.3	17.7	25	34	35	39
Gênero	homem	18.3	22.7	33	46	42	48
	mulher	6.8	12.8	17	23	26	32

Tabela 6: Proporção da população dinamarquesa (16-74 anos) ativamente envolvida em esporte ou exercício (%) em 1964, 1975, 1987, 1993 e 1998 ¹⁶.

	1964	1975	1987	1993	1998
Todos	15	29	42	47	51
Homem	21	31	43	47	51
Mulher	11	27	42	47	51
16-19	53	52	61	67	67
20-29	27	41	48	56	59
30-39	17	41	46	49	51
40-49	10	25	44	49	51
50-59	5	21	31	42	46
60-69	3	11	30	36	47
70-74	2	13	24	30	37

Outros países que apóiam esportes para mulheres são: (1) a Hungria, com o primeiro "women's sport day" (dia do esporte para mulheres) organizado em 1997; (2) Cingapura, com o National Sports Carnival for Women (Carnaval Nacional dos Esportes para Mulheres) celebrado anualmente, o International Folk and Recreation Dance Night (Noite do Folclore Internacional e da Dança Recreativa) além da primeiríssima Women and Sport Conference (Conferência da Mulher e o Esporte) em março de 1999 para discutir assuntos relacionados à mulher e os esportes; (3) Israel, onde houve vários eventos bem sucedidos de caminhadas exclusivamente para mulheres; (4) a Austrália, onde quase 60% das mulheres de idades entre 18 e 54 se engajam em alguma forma de atividade física regular e (5) a França, que desenvolveu a French Federation of Physical Education and Voluntary Gymnastics (Federação Francesa de Educação Física e Ginástica Voluntária), nacional e localmente desenvolvida e gerenciada com sucesso por mulheres, chegando ao número de 5 milhões de participantes e fazendo com o SFA francês atingisse os objetivos do Council of Europe (Conselho da Europa)¹⁶.

Sintomaticamente, os continentes que enviaram o maior número de mulheres para as Olimpíadas de 2000 em termos de proporções foram a Oceania (44,96%), a Ásia (40,26%) e a Europa (36,96%).

O número de mulheres envolvidas em esportes depende diretamente do incentivo que cada país dá para preparação dos atletas para as Olimpíadas. É possível observar a influência dos CONs na iniciativa do Esporte para Todos (SFA). A Tabela 7 mostra quantos países por continente pesquisado incentivam a participação das populações no SFA via Jogos Olímpicos. Dezesesseis de 36 países que participaram do projeto Worldwide Experiences and Trends in SFA ¹⁶ promovem e incentivam participação no movimento olímpico através do SFA.

Tabela 7: N° de países que incentivam o SFA através do Olimpismo ¹⁶

Continentes e N° total de países	Países com incentivos olímpicos	Países com algum trabalho das NOCs	Países com nenhuma atividade olímpica
Ásia (8)	4	1	4
África (2)	-	1	1
Europa (17)	8	4	5
América Latina (7)	2	2	3
América do Norte (2)	2	-	-
Total	16	8	13

Países como a Bélgica, a Finlândia, o México, a Espanha, a Alemanha, Taiwan, a França, e a Coréia têm promovido várias iniciativas para promover o Olimpismo através do Esporte para Todos ¹⁶. O Comitê Olímpico da Bélgica também adotou a filosofia do SFA. Baseada em idéias e valores olímpicos, a Bélgica promoveu o SFA numa estranha mistura de princípios e objetivos aos quais nos referimos como 'Allympism': a combinação de Sport for All e Olympism, as duas maiores, mas contrastantes ideologias

do esporte, onde se verificam desempenho e excelência de um lado, e participação e inclusão no outro. O objetivo é aproveitar o que ambas as filosofias têm de melhor numa combinação única de valores positivos. ¹⁶.

Um outro exemplo é Taiwan, cujo comitê olímpico tem enfatizado o SFA para promover a saúde e o fitness da população. O Comitê Olímpico Chinês de Taipei, utilizando a sua publicação, o Olympic Quarterly (Quadrimestral Olímpico), promove o aumento do interesse das mulheres em participar de atividades do SFA e incentiva organizações civis a organizarem mais atividades esportivas para mulheres¹⁶.

No caso da França, foi somente em 1972, sob a influência dos programas escandinavos, que o French National Olympic and Sporting Committee (Comitê Olímpico e Esportivo Francês) decidiu pelo estabelecimento do primeiro programa do Esporte para Todos, iniciado por Martin Grünenwald, professor de Educação Física ¹⁶.

Na Coréia, o Seoul Olympics Organizing Committee (Comitê Organizador das Olimpíadas de Seul em 1988) deu origem a Seoul Olympic Sports Promotion Foundation (Fundação para Promoção dos Esportes Olímpicos em Seul). Esta fundação tem implementado muitos projetos visando desenvolver e por em prática programas do SFA, além de patrocinar o National Council of Sport for All (Conselho Nacional do Esporte para Todos) e de desenvolver programas para promover o fitness nacional ¹⁶.

Quando se verifica uma relação estreita entre o SFA e o esporte de elite é quase sempre com o propósito de recrutar futuros talentos esportivos, espectadores ou recreadores. Por exemplo, o U.S. National Olympic Committee (Comitê Olímpico Nacional Americano) está totalmente focado no esporte de elite e em atividades do SFA que possam vir a atrair jovens talentos. As organizações associadas ao comitê olímpico americano oferecem programas para o povo em geral ¹⁶.

Mais com a ausência do que com a presença de atividades físicas ligadas a movimentos como o SFA e o Olimpismo, muitas mulheres ainda mantêm limitações sociais e os papéis baseados em tradições e crenças antigas de exclusão e de segregação através de tarefas pré-definidas. Estas têm impedido seu acesso aos esportes e às atividades físicas de um modo geral e também têm contribuído para a criação de algum tipo de ideal para a mulher olímpica do futuro. Essa imagem virtual tem ficado mais clara

para as mulheres a cada quatro anos na medida em que os meios de comunicação de massa fazem as mulheres olímpicas mais visíveis e incentivam meninas e mulheres jovens a desenvolverem modelos de heroínas nos esportes para poder lutar por algum ideal no esporte. A tecnologia e, em particular, a televisão tem tornado isso possível para mulheres em todo o mundo. A tradição da exclusão está se tornando a inovação da inclusão numa variedade de esportes.

Resumindo, quanto mais incentivo as mulheres têm de programas nacionais e internacionais relacionados às práticas do COI e dos CONs através da disponibilidade de recursos, políticas de incentivo, medidas de apoio a mulher e exemplos marcantes de liderança feminina, mais meninas e mulheres se sentirão compelidas a aderirem ao esporte e ao esporte olímpico. Conseqüentemente, os níveis de participação deverão e provavelmente atingirão o tão desejado nível de 52%.

O Futuro

Enquanto a biologia e a fisiologia podem oferecer condições para melhor interpretar as diferenças entre os sexos, acrescentando mais esportes e modalidades às agendas das mulheres atletas, os contextos cultural e social continuam a mostrar as diferenças e desigualdades entre os gêneros.

É questionável que a Inglaterra, a Alemanha, a Austrália, os Estados Unidos e a Rússia aumentem seus números de mulheres olímpicas sem que, ao mesmo tempo, a América do Sul, a América Central, a África e as nações islâmicas enviem mulheres atletas para as Olimpíadas. Como o mundo do esporte reflete a sociedade, pode ainda levar mais algum tempo para que as sociedades islâmicas, as culturas menos favorecidas economicamente e um certo número de países nos quais a igreja católica tradicionalmente compartimentalizou meninos e meninas a desempenharem papéis específicos na sociedade abrirem espaço para a igualdade no esporte e em outras funções ligadas ao esporte. As culturas e costumes antigos devem ser respeitados; crenças milenares não podem ser eliminadas. A tradição no sentido da exclusão deve ser re-analisada por lideranças diferentes para que seja tratada de forma diferente. É essencial se considerar que o esporte é um direito humano já que ele pertence a todos os seres humanos, homens e mulheres, meninos e meninas. As diferenças biológicas têm que ser respeitadas para que a humanidade atinja a igualdade social, especialmente no esporte. A atividade física e o esporte são direitos do ser humano e devem ser incluídas em todas as práticas.

O objetivo desejável da liderança olímpica é para que as mulheres de cada país participem dos Jogos Olímpicos como atletas, treinadoras, e administradoras e também como representantes nos CONs, nas federações e no COI. Aumentando o número de representantes femininas no movimento mundial é ainda uma tarefa mais desafiadora na medida em que cada país se move na sua própria velocidade em direção a igualdade dos sexos de acordo com seu próprio contexto. De alguma forma as mulheres que têm mais talento têm que descobrir seu próprio caminho para preencher posições locais, nacionais e internacionais e, exatamente como os homens têm feito ao longo dos séculos, aproveitar as oportunidades.

De acordo com Schneider ¹⁸, "qualquer organização que reivindica o desenvolvimento humano como um de seus principais objetivos tem que apoiar a representatividade completa da mulher em todos os níveis da organização. Negar as mulheres o seu próprio espaço – do lado dos homens como iguais e parceiros é errado e vergonhoso".

Novas políticas de incentivo para mulheres esportivas terão impacto positivo no perfil da mulher olímpica e no seu novo papel na sociedade. Pela primeira vez as mulheres nas áreas do esporte estarão capacitadas a fazer suas escolhas quando chegarem à encruzilhada. Elas poderão escolher e seguir o exemplo do herói masculino ou desenvolver seu próprio construto feminino como heroínas e líderes sem levar em consideração que posição ocupam no mundo dos esportes se esportistas, administradoras, gerentes, representantes dos CONs ou até mesmo se for presidente do COI. Elas estarão conscientes de que também têm o direito ao esporte e à prática da atividade física e se sentirão com o poder de escolher qualquer um dos dois caminhos.

Conclusão

Olhando para 1896, é possível observar que as mulheres progrediram muito em seus desafios e lutas. Elas trabalharam bravamente para entrar na esfera masculina e têm sido bem sucedidas em vários aspectos. Elas conquistaram a cidadania e sua inclusão nos Jogos Olímpicos, mas ainda não atingiram a igualdade em termos de números. Elas se tornaram heróis, heroínas ou mediadoras ¹⁹? Elas já atingiram uma posição de equilíbrio?

Seria inimaginável há alguns anos atrás que as mulheres iriam competir numa maratona e na corrida dos 10.000 metros, ou jogar basquete com habilidade, dedicação e poder das mulheres das Olimpíadas de 2000. Ao mesmo tempo, seria difícil de imaginar que as mulheres ocupariam alguma posição no COI ou chefiariam um Comitê Olímpico Nacional, embora a extensão das mudanças a níveis organizacionais não tem sido tão dramática quanto aquelas entre participantes. Há ainda algumas barreiras para serem superadas, das quais a mais crucial é dividir o poder com a figura masculina que

representa a tradição no esporte. As mulheres têm questionado papéis tradicionais e se tornado mais conscientes de seu lugar no terceiro milênio. As mulheres aprenderam a pensar que as diferenças biológicas são parte delas próprias e que as permitem competir em seus próprios termos, mas tendo as mesmas oportunidades que os homens.

É importante mencionar que a inovação que causou a inclusão da mulher nas Olimpíadas da Atualidade pressionou a ciência e a tecnologia para a pesquisa e novas descobertas que têm mostrado que as mulheres podem, de fato, fazer mais do que elas pensaram que poderiam: não somente em termos de participação em Olimpíadas, mas também em termos de participação em qualquer tipo de atividade física. A pressão que as mulheres têm feito para terem o direito de participar das Olimpíadas como seres humanos têm contribuído muito para o direito que elas têm agora de praticar esportes e atividade física.

A mulher de amanhã precisa hoje de modelos femininos de atletas, dirigentes, líderes, administradoras, heroínas como incentivo a desenvolver carreira no esporte. Isso significa também que necessita de modelos femininos em todas as outras esferas da sociedade: na sua família, na sua escola, na sua cidade, em seu país e demais organizações.

A mulher olímpica é um modelo ideal. Os desafios futuros tornam-se mais claros porque eles contrastam com este modelo. É necessário consolidar igualdade de direitos e diferenças nas práticas e na educação porque este parece ser o único caminho. As mulheres então sentirão que tem os mesmos direitos e saberão que caminho escolher. Será que essa posição representa um bom exemplo de como procurar um modelo de conflito-resolução equilibrado em termos de oposições dentro do Movimento Olímpico?

NOTES

1. Carvalho, A. (2002). A Participação Feminina nos Jogos Olímpicos – trabalho não-publicado apresentado no Fórum Olímpico, Universidade Gama Filho, June 2002.
2. Miragaya, A & DaCosta, L. (1997). Atividades físicas sistemáticas e a mulher: inclusão no lazer, na família e no trabalho (trabalho não-publicado).
3. DeFrantz, A. (1997). The Changing Role of Women in the Olympic Games. Trabalho apresentado na 37ª Sessão Internacional para Jovens Participantes - IOA Report, Ancient Olympia.
4. Hargreaves, J. (1894). Women and the Olympic phenomenon. In Tomlinson A, Whannel G (eds) Five Ring Circus. London: Pluto Press p 53-70.
5. Théberge, N. (1991). Women and the Olympic Games: a consideration of gender, sport and social change. In Landry, F., Landry, M. & Yerlès, M. (eds), Sport ... The Third Millenium, Les Presses de l' Université Laval, Sainte - Foy - Canada, pp. 385 - 396.

6. Boutilier, M. & Giovanni, L. (1991) Ideology, Public Policy and Female Olympic Achievement: a Cross-National Analysis of the Seoul Olympic Games. In Landry, F., Landry, M. & Yerlès, M. (eds), Op. Cit., pp. 397 - 412.
7. The Real Story of the Ancient Olympic Games. Recuperado em 14 de maio de 2002, da Rede Internacional de Computadores: www.upenn.edu/museum/Olympics/olympicsexism.html.
8. The Olympic Games in the Ancient Hellenic World: A Virtual Museum. Recuperado em 14 de maio de 2002, da Rede Internacional de Computadores: <http://minbar.cs.dartmouth.edu/greecom/olympics/>
9. The International Olympic Committee. Recuperado em 14 de maio de 2002, da Rede Internacional de Computadores: www.olympic.org/uk/index_uk.asp
10. Luzenfichter, A. (1996). Women and Olympism. International Olympic Academy. Paper presented at the 36th International Session for Young Participants - IOA Report, Ancient Olympia.
11. Olympic Women. Recuperado em 14 de maio de 2002, da Rede Internacional de Computadores: www.olympicwomen.co.uk/.
12. Pfister, G. Journal of the International Council for Health, Physical Education, Recreation, Sport and Dance 32 (1996), N^o 4, pp. 20-26.
13. DeFrantz, A. (1991). Progress Made, Pitfalls and Conditions for Further Advancement of Women in the Olympic Movement. In Landry, F., Landry, M. & Yerlès, M. (eds), Op. Cit., pp 413 - 418.
14. Tavares, O. Women's Games in Brazil in 1933 (em pesquisa).
15. Mourão, L. & Soares, A. (1999). 1949 – 1972 Duração das Olimpíadas Femininas no Brasil via Jornal dos Sports - Rio de Janeiro. In Tavares, O & DaCosta, L. (eds) Estudos Olímpicos, Editora Gama Filho, Rio de Janeiro, Brasil: pp.98-107.
16. DaCosta, L. & Miragaya, A. (2002). Worldwide Experiences and Trends in Sport for All. Aachen: Meyer & Meyer, passim.
17. Lucas, J. (1999). The Future of the Olympic Games. Champaign: Human Kinetic, pp 133-143.
18. Schneider, A. (1996). Women in the Republic and the Olympic Movement. Trabalho apresentado na 36^a Sessão Internacional para Jovens Participantes - IOA Report, Ancient Olympia.
19. Tavares, O. (2002). The Olympic Athlete: Hero or Mediator. In DaCosta, L. Olympic Studies. Editora Gama Filho: Rio de Janeiro, Brasil.